

Travessias Transatlânticas: Nos Passos Dos Afoxés¹

Renata do Amaral Mesquita (PPGA/UFPE)

Palavras-chave: Afoxé, Candomblé, Ancestralidade

INTRODUÇÃO

O trabalho busca dialogar sobre as confluências transatlânticas entre Brasil-Nigéria tendo como fio condutor os *Afoxés*, manifestação afrodiáspórica que surge no terreiro de candomblé e passa a ser sua extensão nas ruas, tendo hoje uma forte adesão pela população e consequentemente vem ganhado espaço e notoriedade nos territórios onde encontram-se localizados.

Tal pesquisa, traz para discussão a necessidade de realizar a Sankofa, no sentido de olhar para trás para entender o presente e se projetar no futuro. Essa volta ao passado mesmo com os apagamentos e invisibilidades históricas e teóricas sobre as/os/amefricanas/os ou ainda povos em e na diáspora, buscando juntar fragmentos, refletir e dialogar sobre memórias, oralidades, oralituras dos corpos negros a partir dos afoxés e dessa travessia transatlântica.

O afoxé veio como esse portal no sentido de voltar ao passado e compreender sobre hoje e o que foi, vislumbrando para os próximos, registros e histórias contadas e escritas por nós. Sendo assim, essa pesquisa traz para discussão o que alguns autores como Querino (1988) e Lody (1976) trazem em seus escritos sobre os *afoxés* aqui no Brasil reproduzirem exatamente o que acontecia durante os festejos da Festa da Oxum, na cidade de Osogbó na Nigéria. Ainda que tragam essa abordagem na sua escrita, pouco se tem no tocante a trabalhos que faça esse diálogo, bem como registros visuais que contextualize e corrobore com tal afirmação.

Tendo em vista, a forte presença cultural africana ressignificada no Brasil, bem como a perpetuação de um legado que é perpassado a partir do candomblé e seus brinquedos, a pesquisa propõe investigar as confluências entre os afoxés tendo como referencial os afoxés situados nas capitais de Recife e Salvador no Brasil, bem como a Festa da Oxum realizada em Osogbó na Nigéria.

De acordo com Juana Elbein (2012) os últimos escravizados que chegaram nas capitais de Recife e Salvador, antes do período da abolição, teriam origem Nagô e Jeje do

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

Daomé, sendo essas cidades que hoje concentram grande número de afoxés, alguns dos mais antigos do Brasil, oriundos dos terreiros de candomblé cuja manutenção do “estar vivo” e “ativo” depende da estreita relação que mantém com a religiosidade.

Nesse sentido, o afoxé transpassa o espaço do sagrado para as ruas em forma de blocos, grupos e/ou brincadeiras. Seus elementos simbólicos como o canto, a dança, a música, as vestimentas e os artefatos retratam as lutas e resistências do povo negro, bem como a ligação ancestral entre Brasil-África estabelecida através da conexão com os Orixás.

Dessa forma, busca-se contribuir com os saberes sobre os afoxés, bem como os povos de terreiro e a história e memória afrodiaspórica, através de uma epistemologia que abarque o que está sendo discutido, bem como suas especificidades em diálogo com a oralidade utilizando autoras/es como: Abdias Nascimento (2019) e Alex Ratts (2006), Juana Elbein (2012) dentre outras/os autoras/es que possuem estudos sobre os afoxés no Brasil e que tem contribuições importantes para refletirmos juntas.

ORientação: ÁFRICA COMO O CENTRO

As minhas escrevivências atravessam os afoxés quando por mais de 10 anos, ele passou a fazer parte da minha vida e história e me fez aprofundar ainda mais os estudos e pesquisas sobre a cultura negra e afro diaspórica. Durante o mestrado estudei sobre o processo de identificação racial das mulheres nos afoxés, e no decorrer das conversas com as mulheres e Iyás lideranças dos afoxés e terreiros, percebi o quanto nós na academia/universidade discutimos sobre teorias que abarcam as minhas/nossas escrevivências, tal como a realidade do ser negra/o/e no Brasil, bem como a importância sobre a ORientação a partir do olhar não colonial. E nessa busca por narrativas contracoloniais, epistemologias outras que contemplem nosso corpo-memória, significados, subjetividades e oralituras dos corpos negros que dizem, sentem e falam fiquei refletindo sobre conversas tidas com as Iyás e as várias estratégias que foram utilizadas pelas/os africanas/os escravizadas/os para rExistir, e os terreiros de candomblé foi uma dessas tecnologias ancestrais no manter-se vivo, e através da devoção, da fé e do contato com os ancestrais a renovação da força e desse lugar ORientação, centro. Ou seja, a ORientação sempre foi voltada para o continente africano, de onde vem suas raízes e ancestralidade que os guia e acompanha.

Vale destacar que o ORI, palavra em Yorubá com vários significados, dentre eles, no nosso pretoguês significa *cabeça*. O ori/cabeça está ligada ao destino que cada pessoa carrega, a direção e as escolhas. É orixá que lidera o corpo e toma conta da consciência/inconsciência, da cabeça física/ espiritual.

Ainda que existam muitos imaginários sobre o continente Africano e muitos deles ainda estejam atrelados a lógica perversa dos colonizadores para a manutenção de seu/s império/s para o candomblé o *surgimento do mundo foi na cidade de Ilê Ifé*. Ou seja, ele rompe com a perspectiva ocidental, uma vez que sempre se orientou/a por África, mas especificamente, Nigéria. Os afoxés estão intrinsecamente ligados aos terreiros de candomblés, logo também seguem essa ORientação, assim como várias manifestações culturais que estão atreladas ao terreiro.

ATRAVSSAMENTOS DO CAMPO DE PESQUISA NO AFOXÉ

A pesquisa histórica antropológica está em andamento devendo ter mais dados e um análise mais profunda, pós finalização do campo que está acontecendo neste momento. Tal proposta tem o intuito de a partir de um olhar antropológico contribuir para o conhecimento acerca das confluências atlânticas entre Afoxés, tal como Pernambuco e Nigéria.

Além da parte escrita busca-se trazer visualidades como fotografias e registro documental (filme) possibilitando que pessoas de diferentes territórios, idade e escolaridade possam ter acesso a pesquisa que vem sendo trilhada de forma coletiva, com a contribuição de muitas pessoas, terreiros, em especial, pela guiança da ancestralidade aos caminhos que vem sendo percorrido.

Nesse sentido, está sendo realizado um levantamento bibliográfico acerca de estudos sobre os afoxés no Brasil, sobretudo nas capitais Recife e Salvador, tendo em vista a grande concentração de afoxés nesses locais, por serem sede de afoxés antigos do país, bem como a forte presença de negros Nagôs vindos para tais regiões.

Além disso, no intuito de investigar as confluências entre os afoxés no Brasil e a festa da Oxum realizada na Nigéria, a pesquisa observou alguns afoxés e como se constituem (música, dança, vestimentas, instrumentos, entre outros), considerando sua relação intrínseca com o terreiro. Vale destacar que a pesquisa conta com um acervo próprio que vem sendo alimentado desde 2018 com fotografias e um documentário. Que

serão utilizadas tanto na ida a Nigéria, quanto na análise dos dados no decorrer da pesquisa.

Sendo assim, no primeiro momento foram realizadas visitas a alguns afoxés, terreiros, conversas informais. Seguidas de entrevistas/conversas gravadas e não-gravadas com algumas lideranças de terreiros, o acompanhamento de festas para orixá xangô² e oxum em alguns terreiros de candomblé em Recife/PE, conversas com pessoas que já foram a Nigéria dentre elas Yalorixás e Babalorixás, estudantes de diversas áreas e o estabelecimento de contato com interlocutor/a na Nigéria.

Em agosto de 2024, acontecerá o período de imersão na Nigéria com o acompanhamento do Festival de Oxum na cidade de Osogbó realizado anualmente na Nigéria, tal como visitas a locais simbólicos ao culto da Oxum como: O vale Sagrado da Oxum tombado pela UNESCO, visita a nascente do Rio Oxum, Oyó local onde a Oxum também viveu, realização de entrevistas e visita a cidade de Ilê-Ifé.

Pretende-se também realizar entrevistas em alguns afoxés em Salvador e realizar entrevistas/gravações com alguns estudiosos que debatem sobre a temática, tal como pessoas de terreiros que já foram à Nigéria, dentre outras que sejam importantes nesse diálogo que a pesquisa aborda.

No decorrer da pesquisa de campo serão realizadas entrevistas a fim de ouvir pessoas envolvidas no estudo sobre os afoxés, pessoas ligadas aos afoxés e ao culto religioso tal como na organização destes, de forma que haja uma confluência entre os saberes tradicionais e acadêmicos.

É pertinente destacar, que ainda existe uma limitação no que se refere ao acesso à leituras acadêmicas e que a tradição do candomblé é ancestral e oral. Diante das fronteiras territoriais e linguísticas que distancia esses povos, entre outros, pretendo utilizar o recurso da câmera para descobrir e contar, Guran (2000), assim como captar aspectos subjetivos para além das descrições escritas e por entrevistas. Nesta perspectiva pretende-se utilizar uma técnica de coleta de dados qualitativos proposto por Marcus Banks (2009) a foto-elicitación como um estímulo à memória, fazendo reviver experiências e vivências e partilhar trocas. Juntamente com a fotoescrivência que

² O acompanhamento dos toques para xangô nos terreiros não estava previsto, mas como durante o período de campo na Nigéria estará acontecendo também a Festa de Xangô, decidir também presenciar esse momento de celebração dedicada ao Rei em Recife. Vale destacar também que os terreiros de Recife foram por muito tempo conhecidos/chamados de Xangôs Pernambucanos. Além disso, muitos africanos que vieram como Ifátuniké, nigeriana ter origem na cidade de Oyó, dentre outros que aqui chegaram.

Vilma Neves (2021) trazendo para o diálogo as fotografias que foram tiradas por mim no decorrer das pesquisas levando em consideração a minha relação com o afoxé e com os terreiros.

Nesse sentido, intenta-se como retorno desta pesquisa aos grupos pesquisados e para a sociedade de um modo geral, não somente a circulação escrita nos espaços universitários, mas também a utilização de aparatos tecnológicos na área da visualidade com a produção de um material audiovisual acessível e disponível a todas (os) os interessados (as) sobre a história e memória dos afoxés em Pernambuco, bem como os elementos simbólicos e ontológicos da estreita relação entre Brasil-Nigéria.

BRASIL-NIGÉRIA: ALGUMAS FLEXÕES

De acordo com a Fundação Cultural Palmares, cerca de 5 milhões de africanos/as desembarcaram no Brasil; os caminhos buscados pelas(os) africana(os) para manutenção de sua existência influenciaram na construção da identidade cultural brasileira. Sendo assim, no Brasil essa herança africana encontra-se presente na forma de viver, sobretudo na arte, dança, música, vestimentas, estética e alimentação, assim como na língua Yorubá praticada nos terreiros de candomblé. Diante das condições adversas a que foram submetidos às negras e negros criaram formas de se aquilombar em movimentos como capoeira, maracatu, afoxé, frevo, congada, entre outros.

Por mais que se discuta sobre uma cultura que talvez não exista na África, tendo em vista que fora aqui ressignificada, faz parte das narrativas de várias (os) brasileiras (os) a busca pelas suas raízes uma vez que a história foi contada por um viés colonial, ocidentalizado, com registros apagados, nomes esquecidos e corpos negros silenciados. Sob esta perspectiva, os terreiros de candomblé e, conseqüentemente, as manifestações culturais que surgem de tal religião, perpetuam ainda hoje uma herança cultural africana ressignificada ao contexto brasileiro. “Na diáspora, o espaço geográfico da África genitora e seus conteúdos culturais foram transmitidos e restituídos no “terreiro” (SANTOS, 2012: 33).

Nesse sentido, destaco o que Beatriz Nascimento via Ratts (2006) discorre sobre “viagem de retorno” e o que Grada Kilomba (2019) atribui a “uma volta ao passado” para compreender o presente, tal como nossa história, de quem somos e como vivemos em diáspora.

Considerando o contexto histórico os afoxés surgem em 1895 em Salvador, nesse período as negras e negros eram vistos/tratados de maneira pejorativa, bem como impedidos de realizar os folguedos por não estarem de acordo com os modelos europeus. Segundo Magnair Barbosa (2010: p.22) para serem civilizados seria necessário “desafricanizar os hábitos”, ficando explícita a tentativa de eliminar resquícios africanos, povos tidos como “inferiores” e, conseqüentemente, não civilizados. Por outro lado, percebe-se a relação intrínseca entre África-Brasil, trocas culturais que continuam presentes nos dias atuais com novos significados, mas que não deixam de fazer alusão à África, como os afoxés.

Tendo em vista as memórias plantadas e as sucessivas tentativas de negar o “eu” para ser o “outro” Kilomba (2019), os afoxés enquanto movimento de luta e resistência negra buscam em meio às brechas do sistema se posicionar, reivindicar e se contrapor a um sistema que exclui, marginaliza e silencia.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que os afoxés são grupos que se contrapõem a uma estrutura que coloca a (o) negra (o) à margem da sociedade, tendo caráter político, social e cultural na positivação, exaltação e valorização da imagem e da cultura negra na sociedade brasileira, bem como a luta contra intolerância religiosa e desmistificação do que foi atribuídos com “malefícios” ao candomblé.

Existem algumas contradições quando se fala sobre os afoxés no Brasil, alguns fazem uma relação com as coroações do Congo outros com a festas que ocorriam com oxum na Nigéria. A ideia dessa pesquisa não é saber sobre origem, mas sim buscar sobre as confluências entre Brasil-Nigéria de forma orgânica (BISPO:2021), compreendendo o tempo e especificidades de cada território. Tal como as confluências entre os Afoxés em Recife/Salvador, Terreiros de Candomblé e a Festa da Oxum que acontece na Nigéria.

Vale destacar que dentre as pesquisas realizadas sobre a temática Lody (1976) e Querino (1988) nos traz que os afoxés correspondenciam com a Festa da Oxum realizada em África. Para Lody essa festa é chamada de *Domurixá* ou *Festa da Rainha*:

“Relacionado com as festas públicas endereçadas à Oxun, encontramos o domurixá ou Festa da Rainha, cortejos realizados no mês de janeiro na África. Essa manifestação encontrou repercussão aqui no Brasil através dos primitivos afoxés que saíram nos fins do século XIX” (LODY, 1976, p.9).

De acordo com Lody (1976, p.6) “na época das grandes festas consagradas a rainha de Gexá, que é Oxum, cortejos percorriam as dependências dos palácios, praças e principais ruas do reino”. Segundo o antropólogo, em Gexá havia uma comunidade só

de mulheres, homens não adentravam, apenas mulheres poderiam tocar os instrumentos chamado de Ilú e afirma que: “esses ilus sobreviveram no Brasil especialmente no cortejo dos afoxés, que segundo muitos participantes possuem sua origem nos séquitos festivos da oxum” Lody (1976, p.6). Segundo Querino (1988) ao observar os Pândegos de África, Clube Uniformizado Negro, no qual anos mais tarde veio a se tornar presidente, aponta:

“Na cidade de Lagos, no mês de janeiro, há uma diversão pomposa, em que se exibem indivíduos mascarados. Diversão que designam pelo vocabulário damurixá, festa da rainha. Nesta, apenas tomam parte os indivíduos ao clube que se encarregava da festa, não sendo facultativo à quem quisesse se mascarar-se. O soberano com seus ministros participam daquele divertimento, recolhendo-se antes de terminar, com as formalidades régias, agradecer” (QUERINO, 1988, p.62-63).

Para Querino (2010), o carnaval realizado em Salvador no final do século XIX, sobretudo pelo Clube Pândegos de África, *seria a reprodução perfeita do que acontecia em Lagos na Nigéria*.

Vale ressaltar que, essa ainda hoje, é realizada na cidade de Osogbo, Estado de Osun, uma festa destinada ao orixá oxum chamada de *Osun-Osogbo Sacred Grove Festival*, “Festa Sagrada de Oxum/Osun”, local também onde tem o primeiro templo destinado à Oxum, considerado patrimônio pela UNESCO³ desde 2005.

Segundo o documento do Comitê do Patrimônio Mundial, o Bosque Sagrado de Osun-Osogbo (Nigéria) foi escrito na lista de Patrimônio Mundial uma vez que de acordo com os critérios III e IV representa a parte dos assentamentos sagrados do povo iorubá:

Critério III: O bosque sagrado de Osun é o maior e, possivelmente, o único exemplo de um fenômeno que foi amplamente difundido e que costumava caracterizar todos os assentamentos iorubás. Representa agora os bosques sagrados iorubás, assim como reflexos a despeito da cosmologia iorubá.

Critério IV: O Bosque de Osun é uma expressão tangível dos sistema divinatórios iorubás; seu festival anual é responsável por manter viva e próspera as crenças iorubás, tal como as conexões entre as pessoas, seu governante e a deusa Oxum. (UNESCO, 2005, tradução nossa) [⁴]

³ Tendo como fonte documento da UNESCO ao qual se refere a OSun-Osogbo Sacred Grove.

Fonte: UNESCO. *Nominations of Cultural Properties to the World Heritage List (Osun-Osogbo Sacred Grove)*, 2005. 29th session of the World Heritage Committee (29 COM). code: 29 COM 8B.23

Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/decisions/486>>, acessado em: 21.04.2020.

⁴ Criterion (iii): The Osun Sacred Grove is the largest and perhaps the only remaining example of a once widespread phenomenon that used to characterise every Yoruba settlement. It now represents Yoruba sacred groves and their reflection of Yoruba cosmology.

Criterion (vi): The Osun Grove is a tangible expression of Yoruba divinatory and cosmological systems; its annual festival is a living thriving and evolving response to Yoruba beliefs in the bond between people, their ruler and the Osun goddess.

Fonte: UNESCO. *Nominations of Cultural Properties to the World Heritage List (Osun-Osogbo Sacred Grove)*, 2005. 29th session of the World Heritage Committee (29 COM). code: 29 COM 8B.23

Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/decisions/486>>. Acessado em: 21.04.2020.

Em relação ao festival dedicado a oxum, cujas terras hoje são protegidas algumas fontes apontam para sua existência ter mais de 600 anos, conforme aponta o documento da UNESCO, tendo a oralidade como a principal fonte de constatação dessa existência, conforme veremos abaixo:

“Quase não há documentação sobre trabalhos de conservação realizados no local. No entanto, nos velhos tempos, muitos programas de desenvolvimento sustentável e conservação foram implementados por meio de consentimentos tradicionais e sistema de crenças. Nesse sentido, a integridade territorial de Osun, bosque da floresta tropical e as rotas de procissão de peregrinação foram protegidas por indígenas por cerca de 600 anos” (UNESCO, 2005, tradução nossa) [⁵].

Ainda sobre as confluências e a forte presença da oxum, trago o ijexá como ritmo bastante presente nos afoxés do Recife, sendo toque base dos afoxés e seu cortejo nas ruas.

“O ijéxa, toque de oxum, acompanha cantigas de quase todos os outros orixás, e assim ocorre com vários toques. Nesse caso, o toque perde à exclusividade com a divindade a qual comumente está associado e à canção passa a ser o referencial à divindade, homenageada através do canto” (CARDOSO, 2006, p.247).

O Afoxé, manifestação aqui pesquisada, tem grande representatividade no contexto social, cultural, político e religioso em Pernambuco e encontra-se presente em vários estados no Brasil como: Alagoas, Bahia, Brasília, Fortaleza, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe.

Pode-se dizer que são um espaço de aquilombamento de cunho religioso e político que transcende o espaço do terreiro/Ilê e se torna um aliado na luta contra intolerância religiosa, na exaltação do ser negra/o/e, na contribuição da autoidentificação - no tornar-se “negra/o/e”, na valorização da estética negra, na difusão e expansão do terreiro e da cultura afrodiáspórica; uma vez que traz elementos simbólicos que vão desde as cores, roupas, adereços, indumentárias, instrumentos, cantos e musicalidade utilizadas pelos orixás e no candomblé. Surgem nos terreiros de candomblé, tendo uma ligação ancestral que conecta os tempos (passado, presente e futuro) e unida pelo sentido de continuidade, preservação da memória, história, das

⁵ There is almost no documentation about conservation works carried out at the site. However, in the olden days, a lot of sustainable development and conservation programmers were put in place through traditional sanctions and beliefs system. The territorial integrity of Osun Rainforest Grove and the pilgrimage procession routes have been protected by cultural and indigenous sanctions for about 600 years.

Fonte: UNESCO. *Nominations of Cultural Properties to the World Heritage List (Osun-Osogbo Sacred Grove)*, 2005. 29th session of the World Heritage Committee (29 COM). code: 29 COM 8B.23

Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/decisions/486>>. Acessado em: 21.04.2020.

oralidades e oralituras, bem como a manutenção de um legado que perpassa gerações. Narram histórias que por vezes foram silenciadas e apagadas, contudo fortemente vividas, sentidas e tomadas pelas forças da natureza que estão sempre presente na ORÍentação/guiança, no ritual, na condução dos caminhos e no bem viver de cada pessoa e o seu propósito no Ayê/terra.

Em Pernambuco, os nomes dos afoxés, em sua maioria se referem ou fazem alusão ao orixá que rege o grupo, e/ou rios, reis, rainhas do panteão Yorubano, como por exemplo: "Afoxé Alafin Oyó, Afoxé Oxum Pandá, Afoxé Omô Nilê Ogunjá, Afoxé Filhos de Xangô, Afoxé Oyá Tokolê". Segundo a União dos Afoxés (UAPE), existem em torno 46 afoxés no Estado de Pernambuco, estando 25 localizados na região metropolitana - que fazem parte do desfile tradicional dos afoxés realizado no Pátio do Terço.

De acordo com o Instituto de Patrimônio Artístico da Bahia (IPAC), em 2010, dos 19 afoxés baianos citados dentre os que existiram e/ou existem, 12⁶ deles utilizam diretamente o termo “África/africano/africana” no nome dos seus grupos, o que enfatiza esse elo/vinculação do passado-presente, sobretudo no aspecto religioso e cultural. Em Salvador existe o desfile dos blocos afros, com forte reconhecimento do afoxé na cena da cidade como os “Filhos de Gandhi”. Menciono os afoxés acima, para refletir sobre o quanto os afoxés vem crescendo, principalmente em Recife/PE e no Brasil, mas também como seus nomes estão atrelados aos orixás e remota essa relação com os povos Yorubás.

Dentre as confluências entre os afoxés, os terreiros e Brasil-Nigéria tem também a forte presença língua Yoruba ainda que tenha sofrido alterações. Apesar do português ser a língua oficial no Brasil, a comunicação nos terreiros é realizada em yorubá, principalmente durante os rituais, o que dialoga ainda hoje com alguns povos na Nigéria dessa tradição. Contudo, no Brasil muito fora ajustado ao pretuguês, existindo muita variedade da fala/pronúncia mudando de um terreiro/candomblé para o outro e também de uma nação para outra. Existem terreiros que continuam com estudos da língua Yorubá com objetivo de manter esse saber.

O que no Brasil cultuamos no candomblé, na Nigéria, os povos tradicionais Yorubás são divididos por cidades, estados, regiões que tem como nome determinado orixá, não sendo cultuado todos como no candomblé no Brasil. Também sabe-se que em

⁶ Embaixada Africana, Pândegos da África, Império de África, Filhos de África, Folia Africana, Lembrança dos Africanos, Africanos em Pândega, Guerreiros de África, Lutadores de África, Lanceiros de África, Congos d'África, Otum Obá de África.

alguns locais na Nigéria se perderam um pouco sobre os cânticos. O que também pode ser visto nos documentários *Atlântico Negro - Na rota dos orixás* com Pai Euclides do Maranhão (in memoriam), e no *Conexão com Ifê* com o babalorixá Paulo Braz do terreiro Yemanjá Obá Ogunté de Recife/PE; essa relação com a língua Yorubá, ancestralidade e o culto no Brasil. Em ambos os filmes, os dois babalorixás falam e as pessoas em África/Nigéria/Benin conseguem entender o que dizem, o que de alguma forma evidencia essa preservação e manutenção linguística dentro dos terreiros, e consequentemente também nos afoxés. Certamente isso não acontece com todos os terreiros e afoxés, são casos isolados que remetem à existência de práticas que, embora separadas pelas águas do Atlântico, conseguem ainda dialogar, uma vez que o tempo não é linear e tem como base a ancestralidade.

CONSIDERAÇÕES

Penso no continente africano como essa matriz que o Brasil de alguma forma se mantém conectado através da ancestralidade, que é fonte de conhecimento e de fundamental importância na manutenção dos corpos negros, suas oralidades e oralituras, bem como o candomblé, o afoxé e as demais manifestações e brincadeiras que se surgem no terreiro.

A ancestralidade é esse guia, que conduz e que traz sentidos ao viver, que é bem presente nas memórias, que conecta, traz sensações, emoções, aguça sentidos, está presente em África/Nigéria, e também nos africanos em diáspora. No Brasil, foi a partir dessa força ancestral que as(os) negras (os) se mantiveram vivos, ressignificaram e realimentaram suas tradições, expandindo por todo o país. E o afoxé chega trazendo elementos que permitem acessar essa memória e se conectar com essa força ancestral que move, que possibilita conhecer parte da história e cultura e faz com que as pessoas possam se sentir pertencentes a um lugar, mesmo sem nunca ter ido aquele local pelos meios tradicionais de conhecimento ocidental.

Nesse sentido, existem muitas confluências entre Brasil-Nigéria, contudo alguns escritos que tiveram importância em determinado momento/tempo, mas que hoje sinto falta de mais elementos para conseguir fundamentar e ter uma maior compreensão, além do escrito *o visual*.

Essa pesquisa está em andamento e se encontrando em meio ao que exú - dono dos caminhos; vem abrindo e vem trazendo nesse movimento com mais força. Contudo,

diante do que venho acompanhando, trago para partilha alguns pontos importantes como: o fato de na Nigéria existirem várias festividades para cada orixá, como o Festival da Oxum, o Festival de Xangô, e dentro dessa festividade cada dia é festejado para determinado orixá. O que em alguns escritos não vem com a riqueza de detalhes e informações tão importantes que nos leve a ter uma melhor compreensão. Existe também a questão do ser “tradicional” e da manutenção dessas crenças e cultos tanto na Nigéria quanto aqui no Brasil onde hoje tem uma grande quantidade por exemplo de babalawos e de pessoas que são adeptas ao candomblé.

Tem o fato também dos festivais na Nigéria terem tomado outras proporções, digo no sentido de atrair pessoas do mundo todo como o *Festival da Oxum em Osogbó*, o que talvez seja importante que se tome outras dimensões.

Em relação ao Afoxé representar exatamente o que acontecia durante o festejo de Oxum, penso que existem muitos festivais nas terras Yorubás/Yorubalândia, logo não cabe ir ao encontro de datas para saber qual seria a mais antiga, prefiro pensar nas confluências orgânicas de modo que esse cortejo nas ruas talvez seja algo comum acontecer, pelo menos quando pesquiso sobre as festividades é o que vem chegando com mais força.

No tocante a vestimentas, eu vejo que tem muito do que já foi aqui e do que ainda costumamos utilizar. Quando entrei no afoxé em meados de 2009 lembro bem que recebíamos um corte tecido nas cores do afoxés e customizávamos a roupa, não levando para costureira Mas criávamos saias, tops, vestidos, turbantes, só com amarrações. Tendo lá também essas amarrações até a utilização de roupas mais luxuosas como também aqui nos terreiros e nos afoxés.

Enfim, trago aqui algumas discussões tidas sobre os Afoxés, o candomblé a relação entre Brasil-Nigéria para reflexão e discussão sobre essas confluências, imaginário, ORIEntação, a necessidade de retorno, tal como a necessidade de um aprofundamento sobre a discussão com visualidades que possam elucidar ainda mais essas confluências. É pertinente ressaltar que o objetivo não é retificar os dados relacionados ao surgimento dos afoxés e sua historiografia, mas estabelecer através desses fragmentos, memórias e da travessia algo que tenha sentido e seja sentido na compreensão hoje dos Afoxés.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bahia. Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. **Desfile de Afoxés**. Salvador: Fundação Pedro Calmon; IPAC, 2010.
- BANKS, M. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BASTIDE, Roger. **As religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971.
- CARDOSO, N. N. A. **A linguagem dos Tambores**. 256 f. Tese (Doutorado em Etnomusicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2006.
- CARNEIRO, Edison. **Folguedos tradicionais**. Rio de Janeiro: Conquista, 1974.
- CERTEAU, do Michel. **A Invenção do cotidiano**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Petrópolis, 1998, p.9-32.
- HALL, Stuart. Da Diáspora. **Identidades e mediações culturais**. In. SOVIK, Liv (Org.) Belo Horizonte: Ed UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALL, Stuart. **Cultura Popular e Identidade**. Que "negro" é esse na cultura negra, pp. 335-349.170.Capítulo 3.
- IKEDA, Alberto. **O ijexá no Brasil: rítmica dos deuses nos terreiros, nas ruas e palcos da música popular**. Dossiê música popular brasileira na usp. Revista USP • São Paulo • n. 111 • p. 21-36 • outubro/novembro/dezembro 2016. disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/127596>, acessado em: 10/08/2019.
- GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de Amefricanidade**. Rev.TB. Rio de Janeiro, 92/93; jan.-jun., 1988, p.69-81.
- GONZALEZ, Lélia HASENBALG, Carlos. **Lugar do Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982, Coleção 2 pontos; v.3, p.9-66.
- GURAN, M. 2000. **Fotografar para descobrir, fotografar para contar**. Cadernos de Antropologia e Imagem, 10 (1), 2000. pp.155-65.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódio de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro. Editora: Cabrobó, 2019. 244p.
- LIMA, Ivaldo. **Afoxés em Pernambuco: usos da história na luta por reconhecimento e legitimidade**. Topoi, v. 10, n. 19, jul.- dez. 2009, p.146-159.
- LIMA, Ivaldo. **Afoxés: Manifestação cultural baiana ou pernambucana? Narrativas para uma história social dos Afoxés**. Revista Esboços, V. 16, n.21, p. 89-110 – UFSC.
- LODY, Raul Giovanni. **Afoxé [Cadernos de Folclore]**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1976.

LODY, Raul. **O povo de santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 2006.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude: Usos e sentidos**. São Paulo: Editora Ática.1988. Cap.1 e 2.

___ **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania**. In: CadernosAnped – Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica. São Paulo. 2003.

NASCIMENTO, do Abdias. **Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões**. Estudos Avançados 18 (50), 2004, p. 209-224.

NASCIMENTO, do Abdias. **Quilombismo: Um conceito histórico-cultural da população afro-brasileira**. Coleção Sankofa, v.4, 2009.

NERES, Vilma. **A escrita com a luz das fotoescrivências** . Salvador: Edição do autor, 2021.

PEREIRA, Zuleica. **Perseguida por Agamenon Magalhães: marcas de memória de uma mãe-de-santo Pernambucana**. Revista Symposium, Ano 3, n. Especial, dez.1999, p. 65-70.

QUERINO, Manuel. **Costumes africanos no Brasil**. 2. ed. Salvador: EDUNEB, 2010.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica**. São Paulo. Editora: Imprensa Oficial. 2006.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 5. São Paulo: Nacional, 1977.

RISÉRIO, Antônio. **Carnaval Ijexá: notas sobre afoxés e blocos do novo carnaval afrobaiano**. Editora Corrupio. 1981.

SANTOS, Juana Elbein. **Os Nagôs e a Morte**. Editora: Vozes. ed.2014.

SANTOS, A. Bispo. **Colonização, Quilombos, modos e significação**. Brasília: UnB/INCTI. (2015).

SANTOS, A. Bispo. **Quilombos, transfluência e saberes orgânicos** – entrevista com Nego Bispo. [Entrevista concedida a] Paíque Duques Santarém. SANTINI, D.; ALBERGARIA, R.; Santarém, P. Mobilidade antirracista. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

SANTOS, Antonio Bispo. **Somos da terra**. Piseagrama, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro** : as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro : Edições.

UNESCO. **Nominations of Cultural Properties to the World Heritage List** (Osun-Osogbo Sacred Grove), 2005. 29th session of the World Heritage Committee (29

COM). code: 29 COM 8B.23. Disponível em:
<<https://whc.unesco.org/en/decisions/486>>, acessado em: 21.04.2020.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixas: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo.** Salvador/São Paulo, Corrupio/Círculo do Livro, 1981. Disponível em: <https://www.vassourasurbanas.com.br/wp-content/uploads/2018/12/Orixas-Pierre-Vergerr.pdf>

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. **Folgedos negros no carnaval de Salvador (1880-1930).** In: SANSONE, Lívio; SANTOS, Jocélio Teles dos. (Orgs). Ritmos em trânsito: sócioantropologia da música baiana. São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador: Programa A cor da Bahia/Programa S.A.M.B.A, 1997.